

NOSSA PELE, NOSSO EU: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA^{1[1]}

César Augusto Machado Bastos

Vamos, inicialmente, nos aproximar do problema pela questão da relação entre o corpo e a mente, tema de fundo desta conferência. Observemos nossas pressuposições que, embora não percebamos, são quase de domínio consensual.

O ser humano possui uma base biológica que é a ‘nossa *casa*’. Ela abrange todo o nosso corpo e todos os nossos órgãos. Esta *casa biológica* possui uma representação mental que possibilita sua imagem unificada e uma série de interações com o meio ambiente, visando à lei primeira da sobrevivência. O ambiente, portanto, faz parte de nosso corpo. Isto se dá através de sua interiorização por meio da senso-percepção, a qual, o tempo todo, é cotejada e comparada com representações que vêm de dentro de nosso corpo. Apenas um grau mínimo destas operações de percepção são conscientes. A admirável maior parte é advinda de um processamento inconsciente.

Uma comparação – possível hoje em dia, a título de exemplificação – é a que podemos fazer com o computador. Aquilo que clicamos conscientemente, como as palavras escritas deste texto, constituem o consciente. Tudo o mais - o hardware, o sistema Windows, o MSN, o Outlook (e-mails), os írus, etc. - funciona inconscientemente durante todo tempo em que as linhas vão sendo escritas. O computador atual é, no entanto, ao contrário do psiquismo humano, uma máquina extremamente simples. O seu inconsciente é inteiramente criado pela engenharia eletrônica e, usando uma lógica binária, deve funcionar conforme o desejo do usuário.

O computador não se constitui em um sistema suficientemente complexo para gerar propriedades emergentes, ou seja, propriedades que surgem aleatoriamente de situações muito complexas, conhecidas como sistemas caóticos, nos quais caótico não quer dizer desordem, mas sim possibilidades imprevisíveis. Este conceito tem a ver com a microfísica quântica e com o modo como se operou a evolução, a qual terminou por dar origem ao homem.

O eu, que é a sensação que todos nós temos de sermos alguém, de pertencermos a lugares físicos e afetivos, constitui-se, então, no produto final de milhões de anos de evolução animal, sendo uma propriedade emergente da complexa relação existente entre a nossa casa biológica e nossa casa ambiental. No segundo momento, desenvolve-se um sistema de representações chamado de linguagem a qual, por exemplo, o filósofo Heidegger, denominava a casa do ser .

^{1[1]}Palestra aberta ao grande público, ministrada pelo médico psiquiatra e psicanalista, Dr. César Bastos, em atividade do Núcleo de Cirurgia Plástica do Hospital Moinhos de Vento Iguatemi. Outubro de 2007. Endereço do autor: cesarbas@terra.com.br

Existindo então o *eu*, isto implica que exista o *outro*. O *outro* faz parte de nosso *ambiente* e de nossa *biologia* - meio ambiente ecológico - e, a partir de agora, de um terceiro ambiente representacional: o *ambiente psicológico*. Três internalizações que, interagindo, geram um emergente mais complexo: o *psiquismo humano*. Na verdade, esta e outras divisões são meramente descritivas e topográficas, pois facilmente se vê a circularidade do raciocínio. O corpo, sua pele, o cérebro, o ambiente ecológico, o ambiente cultural e afetivo e o *Eu* constituem-se em dimensões diferentes, emergências diferentes do mesmo fenômeno.

Nessa mistura do biológico, do ambiental e da *alteridade do outro*, opera um conceito operacional: o *Eu-pele*. Este conceito, desenvolvido por Didier Anzieu, psicanalista e professor emérito de Psicopatologia Clínica na Universidade de Paris^{2[2]}, representa uma homologia entre as funções do Eu e as funções da pele: *limitar, conter, proteger*. Do ponto de vista da pele, é um envelope que, além de ser um órgão, contém todos os órgãos e, do ponto de vista do psiquismo, é um fino envelope que chamamos de *consciente*, o qual contém todas as demais representações.

Este conceito *Eu-pele* permite enriquecer, por um lado, as noções de fronteira e de limites e, por outro, apreender melhor uma realidade clínica complexa que ultrapassa as relações triviais entre as afecções dermatológicas e/ou estéticas e as perturbações psíquicas. Muito do *modo de ser* da personalidade normal ou doentia tem a ver com a própria estrutura da relação corpo biológico/ meio ambiente/ o *outro* inicial que é a mãe.

Nada se passa no corpo que o cérebro e o psiquismo não saibam e reajam. Nada se passa no psiquismo e no mundo emocional, também sem que o corpo e o cérebro saibam e reajam. Mais que isto, estas dimensões interagem através de sutis mensagens químicas, elétricas e mesmo quânticas. Se alguém tem uma psoríase, por exemplo, todas estas dimensões estarão afetadas. Se alguém possui um desequilíbrio emocional, todas estas dimensões estarão afetadas. É primitivo ver o ser humano como a soma de *partes*. O médico, por isto, tem obrigatoriamente que possuir uma cultura *transespecialista*, o que, aliás, é o fundamento desta reunião, pois só conhecendo este todo, é que podemos tornarmo-nos verdadeiros *especialistas*. A falta deste conhecimento global tende a gerar tão somente tecnólogos que, conforme o ditado jocoso, podem *vir a conhecer tudo...sobre nada!*.

Com este pressupostos afirmados, sigamos adiante, discorrendo sobre a interação dos ambientes perceptuais e o psiquismo.

Como estes ambientes formam-se e interagem? Ou seja, como funciona esta máquina ao mesmo tempo imaginária e realisticamente palpável que é nosso psiquismo? Esta máquina que habita várias dimensões, além do espaço ENTRE as dimensões, e que somos nós?

^{2[2]} Le moi-peau, Nouvelle Revue de Psychanalyse, n.9, p.195-208, 1974.

A resposta é que ela funciona como se o que está guardado no envelope-pele, o que está guardado no envelope-ambiente, o que está contido no envelope-outro, com todas as suas bilhões e bilhões de informações, fosse colocado em um envelope muito maior. Para nosso conhecimento, ainda precário, no início do século XXI, ele é quase um envelope mágico, como se todas as informações possíveis sobre o mundo interno biológico e sobre o mundo ecológico e sobre o mundo misterioso dos outros fossem computadas, cotejadas, valorizadas, dobradas sobre si. Ou seja, fossem um sistema polidimensional com as dimensões todas dobradas sobre si, de forma tão dinâmica e com tantas informações quantas vocês podem imaginar. No nível primordial um modelo meramente químico poderia ser o código genético, por exemplo.

Este envelope maior é o *eu*. Sua capacidade, de tão intensa prospecção e análise, deriva de uma fantástica engenharia biológica, que, por sua vez, advém do seguinte processo embriológico: unidos o óvulo feminino e o espermatozóide masculino, forma-se um zigoto que evolui a um estágio chamado de mórula e, posteriormente, a outro denominado gástrula. Esta gástrula toma a forma de um saco, pela entrada em um de seus pólos, e passa a apresentar duas camadas de células: o ectoderma - *de fora* - e o endoderma - *de dentro*. O ectoderma formará a pele, todos os órgãos do sentido e o cérebro.

O cérebro e a pele, que contém os órgãos do sentido, são, portanto, seres símiles e de superfície. Com isto se complexificam as relações entre o que deriva do ectoderma e do endoderma. Substâncias *pombos-correio*, que permitem ao orgânico comunicar-se com o psíquico, são também produzidas pelo corpo da mãe e pelo próprio embrião.

Vejamos mais um pouco sobre a pele. A pele é o maior órgão do corpo humano, aliás, um conjunto de órgãos diferentes. É de todos os órgãos do sentido, o mais vital. Pode-se viver cego, surdo, etc. Mas nunca sem a integridade majoritária da pele. Sua representação no psiquismo é a base deste grande envelope polidimensional que contém o mundo interno e o mundo externo - como o marsúpio de um canguru. Ela surge, no embrião, antes dos outros órgãos do sentido. Por isto, as crianças pequenas possuem percepção espelhada: ainda não automatizaram o mundo externo como *algo interiorizado*, ainda não dobraram nem enveloparam todas as dimensões.

São as sensações cutâneas que introduzem as crianças no humano. Elas constituem um conjunto de enorme complexidade e difusão de sensopercepções existentes desde o intrauterino e que vai despertando o eixo percepção-consciência-de si., como um arcaico *eu* ainda parcialmente desenvolvido.

Podemos tapar os olhos perante algo que não queremos ver (negação), podemos tapar os ouvidos perante o que não queremos escutar (repressão), mas não podemos impedir a superfície da pele de sentir. Um cego, por exemplo, pode aprender o alfabeto através de estímulos na pele.

Ela também respira, secreta e elimina elementos tóxicos. Ela é superficial e profunda. Ela atrai, pelo tato, os investimentos libidinais, tanto os narcísicos como os

sexuais. É o lugar do bem-estar do bebê e da sedução do adulto. Ela emite mensagens comunicacionais fundamentais para a realização humana.

A pele é chamada de “espelho da alma”. Por isto, a bronzeamos, usamos cosméticos, pinturas e – com a bem-vinda tecnologia contemporânea – fazemos cirurgias plásticas estéticas e podemos até vir a rejuvenescer *de verdade*, como prometem algumas pesquisas com células-tronco. O corpo biológico fala por e através da pele.

Psicologicamente, costumamos esconder (reprimir) nossas questões não resolvidas. Não costumamos, por exemplo, chegar para alguém e dizer “ando irritado e frustrado com o envelhecimento”. Da mesma forma, não queremos que nossa pele nos denuncie. Ela é nossa parceira mais íntima e privada e, ao mesmo tempo, nossa denúncia mais pública.

Agora, então, chegamos ao nosso ponto: considerações sobre a pele, a psicanálise e a psiquiatria.

A pele, pelo cuidado materno, configura a imagem interna de pessoas que foram bem cuidadas e acariciadas quando bebês. O olhar da mãe também acaricia e embeleza seu bebê. O sentir a carícia sobre a pele e o sentir a carícia do olhar formam o núcleo do que é esteticamente belo, valorizado. Aqui se trata de formar um narcisismo de vida. Dizer para seu bebê: você deve sobreviver. Você é amado e acariciado. Você é belo.

Sócrates, na antiga Grécia, já dizia que “... *tudo que, por alguma razão é belo, pela mesma razão também é bom*”. Assim o narcisismo inicial agrega-se lentamente a conceitos também iniciais sobre ética e convivência social. Em privações precoces, que atrapalhem o ciclo assim descrito, o suicídio pode ser uma tentativa imaginária de restabelecer o primeiro *envelope amoroso* com as primeiras sensações do que virá a se chamar *amor*.

É importante ressaltar que o *eu* não necessariamente é idêntico ao aparelho psíquico representacional para muitos pacientes, devido aos ideais estéticos que encerram, como vocês já sabem, a idéia de que *ser belo também é ser bom...*

Partes do corpo e/ou partes do psiquismo podem ser vivenciadas como corpos estranhos. Aqui podemos estar falando desde um sintoma psíquico mais simples, por exemplo, uma obsessão, que o paciente deseja *tirar* de si ou um pequeno defeito na estética do nariz que o paciente não consegue reconhecer como sua imagem. Esta desproporção pode alcançar, em nosso envelope psíquico, desde níveis absolutamente normais de autovalor até níveis gravemente perturbados. Um exemplo deste encaminhamento do ideal ao corpo - e não o contrario - é de conhecimento público: cantor norte-americano, até há pouco tempo líder de vendas de discos, tornou-se praticamente um exótico *transformista racial*.

A obesidade mórbida, que desorganiza todas as relações conteúdo/continente, é também um exemplo de como a relação mente/corpo e pele/corpo fica completamente destroçada e depois pode ser reconstruída a nível emocional e físico, com o envolvimento de toda uma equipe interdisciplinar formada por clínicos, psiquiatras, psicólogos,

nutricionistas, cirurgiões e cirurgiões plásticos que se encarregarão de promover um retorno estético ao corpo e ao psiquismo destes pacientes.

Ataques contra a própria pele, como arrancar-se ou arranhar-se, morder-se, etc., também são sinal de um voltar a agressividade contra o próprio eu, devido à incompleta formação do aparelho psíquico. Em psicanálise, chamamos este amadurecimento de formação do superego mais evoluído e discriminador – o que consistiria em todas as dimensões bem dobradinhas no envelope psicocorporal.

O coçar-se até arranhar-se é, muitas vezes, uma irresistível sensação erótica no coçar. Os machucados auto-inflingidos geram vergonha devido a este componente erótico inconsciente e, portanto, secreto. As automutilações da pele, muitas vezes com *piercings* ou tatuagens que são verdadeiras mutilações, também são tentativas dramáticas e dramatizadas de restabelecer os limites do *eu*, de restabelecer o sentimento de estar vivo, coeso e intacto.

Finalizando, lembremos Silvia Plath, a poetisa e escritora norte-americana que se suicidou, aos 31 anos, em 1963. Ela evocou a ausência de sua mãe quando foi ter um bebê, escrevendo mais tarde: “...senti então, fria e sobriamente, como se estivesse longe sobre uma estrela, separada de tudo...senti o MURO da minha pele. Eu sou EU. Esta pedra é uma pedra: a fusão maravilhosa que havia entre mim e as coisas do mundo já não existia mais”. Rasgara-se o envelope.